

GT10: Antropologia das Mobilidades

André Dumans Guedes, Candice Vidal e Souza

Este grupo de trabalho pretende abrigar e pôr em relação pesquisas que tenham as mobilidades como objeto etnográfico. É nossa pretensão dialogar com trabalhos que abordem as formas, significados, experiências, narrativas e práticas de mobilidade em contextos os mais diversos: nas grandes metrópoles ou nas roças, nas matas ou águas, em aldeias ou instituições modernas, nas estradas e caminhos conectando ou localizando-se "entre" lugares como esses. Buscaremos assim aproximar trabalhos oriundos de distintos subcampos da antropologia: a etnologia indígena; a antropologia urbana ou feita nas cidades; os estudos do campesinato e dos povos e comunidades tradicionais; a antropologia da economia, da política, do estado ou da ciência. Inspirados por certas abordagens pioneiras surgidas nos estudos sobre o campesinato brasileiro, iremos privilegiar investigações onde a análise dessas múltiplas formas e modalidades de movimento esteja orientada pelas reflexões, linguagens e formas expressivas de que se servem aqueles (ou aquilo) que se encontra em movimento. Sugerimos igualmente que os trabalhos apresentados contemplem questões referentes à articulação das mobilidades com a organização de coletivos, identidades e institucionalidades; às desigualdades nas capacidades diferenciais dos sujeitos de se mover (ou não se mover) decorrentes de diferenças de classe, gênero, geração, etnia ou filiação religiosa; ou às inovações e problemas metodológicos associados ao estudo das mobilidades.

Daniel e os "esquemas": ilegalismos e transporte complementar de passageiros no subúrbio do Rio de Janeiro

Autoria: Eduardo de Oliveira Rodrigues

As cidades por todo o mundo possuem diferentes tempos que são articulados na construção do seu cotidiano. Essa dialética entre velocidade e lentidão pode ser percebida por vários caminhos, entre eles a observação atenta dos seus modais de transporte. Eles permitem a operação de diferentes regimes de circulação de pessoas e mercadorias, e que, no caso de uma cidade como o Rio de Janeiro, não podem ser compreendidos sem a contribuição das vans e kombis para o seu sistema de transporte. Esses modais complementares reproduzem ainda mais claramente a dialética entre velocidade e lentidão, sobretudo por um elemento que conforma uma diferença: a conjugação de uma série de ilegalismos na sua operacionalização. Neste sentido, o presente paper objetiva compreender as táticas que possibilitam o enredamento de um "esquema" de transporte complementar no subúrbio do Rio de Janeiro - região da capital fluminense que abarca dezenas de bairros distantes geograficamente e simbolicamente do "centro" da metrópole e das suas vizinhanças turísticas mais abastadas. Busco descrever a operação deste mercado encravado nas fronteiras do legal/extralegal como forma de pensar os diferentes tempos que conformam os ilegalismos atravessadores da relação de Daniel (um motorista de van que objetiva ser policial militar) com a cidade. Tal exercício permite iluminar algumas dimensões do mercado de transporte complementar carioca do ponto de vista de um possível futuro "polícia" que já experencia um cotidiano laboral marcado pela precariedade e violência. Este texto apresenta parte dos resultados da minha tese de doutorado, construída sobre trabalho de campo etnográfico realizado no ambiente de um "cursinho preparatório" para o próximo concurso da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ). Meus interlocutores não são "recrutados" já matriculados nas escolas de formação da polícia, mas sim simples jovens de 18 a 32 anos que objetivam, por vários motivos, entrar para a PMERJ. Ao longo de quinze meses ininterruptos (nove presenciais e seis "à distância"), procurei compreender as motivações que levam esses jovens a quererem seguir tal profissão antes de qualquer contato formal com a corporação militar. Sendo assim, a estrutura do texto procura delinear um recorte analítico mais enxuto

desta problemática, trazendo os interesses na carreira policial sob a perspectiva de um motorista de van. A narrativa se desenvolve por meio do acompanhamento de uma tarde na van de Daniel, quando fui designado seu "cobrador de passagens" dentro do trajeto percorrido por ele diariamente no âmbito do seu trabalho.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

